

OCORRÊNCIA DE HIV/AIDS EM MULHERES IDOSAS DO ESTADO DE ALAGOAS

Luciane Simões Alves¹; Yasmim Rodrigues Nazario Amorim²; Viviane Vanessa Rodrigues da Silva Santana³

¹Acadêmica do 6^o período de enfermagem/ Luciane.al_2009@hotmail.com – Faculdade Seune.

²Acadêmica do 8^o período de enfermagem /yasmimenfer@gmail.com – Faculdade Seune

³Professora Mestre do curso de graduação em enfermagem da Universidade Federal de Alagoas- Viviane.santana@esenfar.ufal.br³.

INTRODUÇÃO

A epidemia de HIV / AIDS tem provocado muitos danos para as pessoas que são infectadas ⁽¹⁻²⁾. O paciente soropositivo sofre estigmatização, além das complicações decorrentes da doença, que com as doenças oportunistas pode levar ao óbito ⁽³⁾. Para o mesmo autor, a AIDS é uma das mais graves crises de saúde pública das últimas três décadas no mundo ⁽³⁾, apesar de todas as ações e campanhas de esclarecimentos veiculadas por organizações públicas e civis.

A infecção pelo Vírus da Imunodeficiência Humana, inicialmente na década de 1980, atingiu uma parte da população homossexual masculina, porém se expandiu atingindo bissexuais e heterossexuais, e ao longo das décadas, se observou um crescimento do número de casos em mulheres ⁽⁴⁾. As gestantes podem transmitir verticalmente o vírus para os fetos, e geralmente contrai a doença de seus parceiros regulares ⁽⁴⁾, afetando principalmente a população que apresenta maior vulnerabilidade pelas condições sociais e econômicas e baixa escolaridade⁽⁴⁾. O preconceito e a desinformação ampliaram a disseminação do vírus entre a população e já é possível identificar casos desde a adolescência até as pessoas idosas. É crescente o número de casos de HIV/AIDS em idosos de outras etnias, e convém dizer que no Brasil esse número também é crescente. ⁽⁵⁾

Todos os portadores do HIV sofrem discriminação, isolamento, depressão, demissão do emprego ou abandono dos afazeres do cotidiano ⁽¹⁾. Diferentemente das outras faixas etárias, tratar da sexualidade entre os idosos é delicado, principalmente em mulheres, tendo em vista que a prática sexual entre os idosos é bastante comum ⁽⁶⁾, porém a sociedade enxerga que o sexo na velhice é imoral, prática que foge dos padrões éticos e morais, onde o sexo é restrito somente aos jovens ⁽⁶⁾. No entanto, um estudo recentemente feito em estados do Nordeste Brasileiro, afirma que muitos idosos mantêm relações sexuais, porém, essas práticas são feitas sem a proteção necessária, acarretando a esse grupo infecções sexualmente

transmissíveis ⁽⁷⁾. Entretanto, espera-se que o sexo nessa faixa etária seja feito de forma segura, utilizando os métodos de proteção contra as doenças sexualmente transmissíveis ⁽⁷⁾, porém no estudo de Cerqueira e Rodrigues, alguns idosos afirmaram não aderir a utilização de preservativos, porque não era necessário o uso do mesmo ⁽⁸⁾.

O Estado distribui gratuitamente insumos para a prática sexual segura, como géis lubrificantes, preservativos masculinos e femininos. E para aqueles que convivem com o vírus, é de suma importância a aderência ao tratamento antirretroviral para obter qualidade de vida ⁽⁷⁾.

METODOLOGIA

Estudo ecológico, descritivo e quantitativo, com o objetivo de analisar a situação das pessoas vivendo com o HIV/AIDS no Estado de Alagoas do sexo/gênero feminino com idade acima de 60 anos, no período de 1990 a 2016. Foram utilizados dados disponibilizados através do site do DATASUS.

Para a coleta de dados utilizou-se as seguintes variáveis: sexo, faixa etária, raça/cor, escolaridade, ano de diagnóstico e de notificação. Os dados foram analisados com estatística descritiva e porcentagem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com o DATASUS, os dados demonstram que há notificação para HIV/Aids em municípios do Estado nas faixas etárias de 60-69 anos, de 70-79 anos, e de 80 anos e mais distribuídas em seis municípios, com maior número na capital, Maceió ⁽⁹⁾, como pode ser observado na Tabela 1. O número alto na capital pode estar relacionado ao fato de que apenas em Maceió existe Serviço de Atendimento Especializado, o que aumenta a sensibilidade para diagnosticar mais casos na população em geral e entre os comunicantes, bem como o fato de um deles está situado em um Hospital Escola, o que facilita o diagnóstico dos pacientes atendidos com outras queixas.

Tabela 1. Distribuição dos casos de AIDS em Alagoas –AL, na população do sexo feminino por faixa etária (1982-2016).

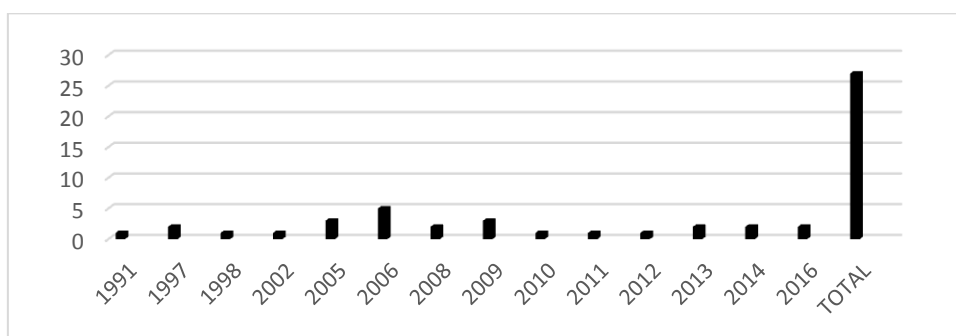
| Município (Res) | 60-69 | 70-79 | 80 e mais | Total |
|------------------------|--------------|--------------|------------------|--------------|
| Maceió | 17 | 3 | 3 | 23 |
| Arapiraca | 1 | 0 | 0 | 1 |
| Rio Largo | 0 | 0 | 0 | 0 |

| | | | | |
|--------------------|-----------|----------|----------|-----------|
| União dos Palmares | 0 | 1 | 0 | 1 |
| Marechal Deodoro | 1 | 0 | 0 | 1 |
| São Sebastião | 1 | 0 | 0 | 1 |
| TOTAL | 20 | 4 | 3 | 27 |

Fonte: MS/DATASUS – Dados sobre os anos de 1980/1982-2016. Dados retirados em 2017.

Observa-se na tabela 2 um discreto aumento dos casos de HIV/Aids nas últimas décadas nessa faixa etária acima de 60 anos, o que gera preocupação são os casos de mulheres idosas infectadas, sendo que a maioria delas mantiveram e algumas ainda mantêm relacionamentos estáveis e com único parceiro⁽⁸⁾. Em Alagoas, o número total de óbitos entre mulheres maiores que 60 anos entre 1996-2015 foi de 17⁽⁹⁾.

Gráfico 1. Distribuição dos óbitos por HIV em pessoas do sexo feminino na faixa etária 60 a 80 anos por ano de ocorrência*, em Alagoas –AL.



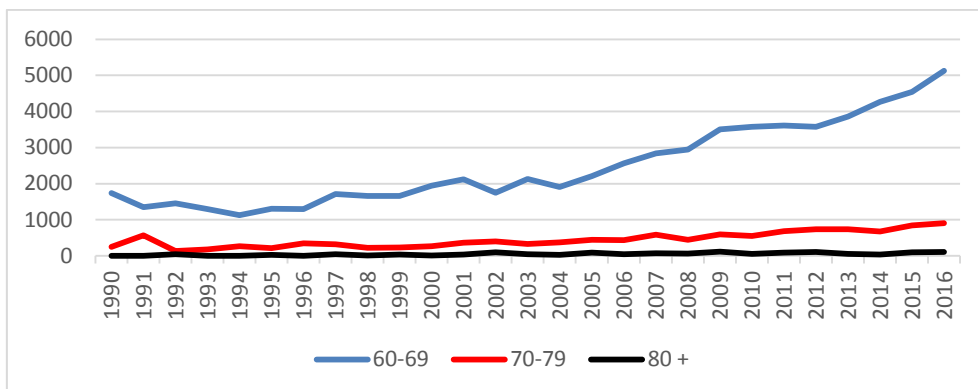
Fonte: MS/DATASUS – Dados sobre os anos de 1980/1982-2016. Dados retirados em 2017.

*Dados disponibilizados a partir do ano de 1997.

Este aumento, mesmo que pequeno, se deve a melhoria na capacidade de diagnóstico, através da expansão da testagem rápida para todas as Unidades Básicas de Saúde, facilitando inclusive a interiorização da testagem.

Portanto, é essencial que essa população seja acompanhada, monitorada e tratada, no intuito de que a infecção não se agrave, impossibilitando a paciente de suas atividades de rotina⁽⁷⁾, e quanto mais cedo se inicia o tratamento, melhor é a ação desses medicamentos que além de parar o progresso da infecção, dará ao paciente melhora e qualidade de vida, inclusive pela possibilidade de comorbidade que esta população acima de 60 anos já apresenta naturalmente⁽⁸⁾.

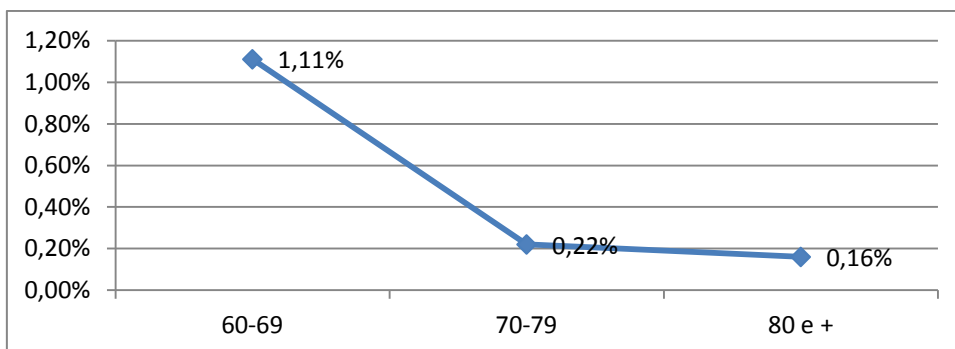
Gráfico 2. Incidência dos casos de HIV/AIDS por faixa etária, no sexo feminino no período de 1990 a 2016 em Alagoas – AL.



Fonte: MS/DATASUS – 1990-2016

No Gráfico 2., observa-se um aumento da incidência dos casos de HIV/Aids na faixa etária de 60-69 anos, nos últimos 20 anos. Em Alagoas, o número de óbitos entre mulheres maiores que 60 anos entre 1996-2015 foram de 17⁽⁹⁾.

Gráfico 3. Distribuição dos casos de HIV/AIDS em pessoas do sexo feminino em relação a todos os casos em mulheres idosas, por faixa etária no período de 1990 a 2016 em Alagoas –AL.



Fonte: MS/DATASUS – Dados sobre os anos de 1980/1982-2016. Dados retirados em 2017.

Quando relacionamos o número de casos em mulheres na faixa etária de 60 e + com o número total de casos em mulheres, incluindo todas as faixas etárias, observa-se que, enquanto a incidência vem aumentando ao longo da série histórica, principalmente na faixa de 60 a 69 anos, a representatividade das idosas na população geral feminina vem diminuindo ao longo dos anos, e isso pode ser explicado pelo investimento do Ministério da Saúde em Políticas Públicas relacionadas ao Programa de IST/Aids, que vem desenvolvendo inúmeras ações de prevenção e controle da epidemia.

Tabela 2. Distribuição dos óbitos por HIV em pessoas do sexo feminino na faixa etária 60 a 80 anos por ano de ocorrência*, em Alagoas –AL.

| Ano do Óbito* | Pop. Feminina com 60+ | Total |
|---------------|-----------------------|-----------|
| 1997 | 2 | 2 |
| 2001 | 1 | 1 |
| 2002 | 1 | 1 |
| 2004 | 1 | 1 |
| 2006 | 1 | 1 |
| 2009 | 1 | 1 |
| 2010 | 1 | 1 |
| 2011 | 1 | 1 |
| 2012 | 1 | 1 |
| 2013 | 3 | 3 |
| 2014 | 1 | 1 |
| 2015 | 3 | 3 |
| Total | 17 | 17 |

Fonte: MS/SVS/CGIAE – 96/2015

*Disponibilizados a partir do ano de 1997.

O fator que gera preocupação é que a maioria dessas mulheres mantêm relacionamentos estáveis e com único parceiro⁽⁸⁾, portanto, é essencial que essa população seja acompanhada, monitorada e tratada, no intuito de que a infecção não se agrave, impossibilitando a paciente de suas atividades de rotina⁽⁷⁾, e quanto mais cedo se inicia o tratamento, melhor é a ação antirretroviral, que além de parar o progresso da infecção, dará ao paciente melhora e qualidade de vida⁽⁸⁾.

CONCLUSÃO

O estudo revelou o aumento de casos de infecção pelo HIV / AIDS em mulheres acima de 60 anos, principalmente na capital do estado de Alagoas, apesar das ações executadas atualmente na prevenção e esclarecimento da população. Ao considerar as especificidades que a epidemia do HIV/AIDS apresenta entre os diferentes segmentos populacionais, faz-se necessário a incorporação de estratégias de enfrentamento específicas para esta população, com ações que promovam a prevenção, divulgação, informação, intensificando a busca ativa nas comunidades, principalmente nas áreas periféricas e nos municípios do interior do estado, inclusive levando em consideração o fato de que os idosos hoje mantêm uma vida sexual ativa por mais tempo, devido ao advento de medicações e outras ações.

Referências

1. Costa FM, Souza IC, Ribeiro ZS, Santos JAD. Mulheres vivendo com hiv/aids: avaliação da qualidade de vida. *Rev Saúde e Pesquisa*, v. 7, n. 3, p. 503-513, set./dez. 2014. Available from: < <http://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/saudpesq/article/viewFile/3667/2493>>.
2. Gonçalves TR, Piccinini CA. Contribuições de uma Intervenção Psicoeducativa para o Enfrentamento do HIV durante a gestação. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v.31, n.2, p.193-201, abr-Jun 2015. Available from: < <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v31n2/0102-3772-ptp-31-02-0193.pdf>>.
3. Bringel APV, Pereira MLD, Vidal ECF, Dantas GB. Vivência de mulheres diagnosticadas com hiv/aids durante a gestação. *Cienc Cuid Saude*, v.14, n.2, p.1043-1050, abr/jun, 2015 Availablefrom: <<http://ojs.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/22299/14748>>.
4. Carrara GLR, Silva ACD, Neves NM, Pereira RDS. AIDS em mulheres e o cuidado da enfermagem: uma revisão da Literatura. *Revista Fafibe On-Line*, Bebedouro SP, v.8, n.1, p.64-85, 2015. Available from:<<http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/revistafafibeonline/sumario/36/30102015183529.pdf>>.
5. Cerqueira MBR, Rodrigues RN. Factors associated with the vulnerability of older people living with HIV/AIDS in Belo Horizonte (MG), Brazil. *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2016, vol.21, n.11, pp.3331-3338. ISSN 1413-8123. Available from: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-812320152111.14472015>.
6. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. *Envelhecimento e saúde da pessoa idosa*. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.
7. Andrade, J et al. Vulnerabilidade de idosos a infecções sexualmente transmissíveis. *Acta paul. enferm.* [online]. 2017, vol.30, n.1, pp.8-15. ISSN 1982-0194. Available from: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0194201700003>.
8. Brasil. Ministério da Saúde. Departamento de Informática do SUS - DATASUS. Available from:<http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php?area=0203&id=6930&VObj=http://www2.aids.gov.br/cgi/deftohtm.exe?tabnet/>.
9. Brasil. Ministério da Saúde. Departamento de Informática do SUS - DATASUS. Available from:<http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php?area=0205&id=6937&VObj=http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/deftohtm.exe?sim/cnv/obt10>.